



ID: 115684506

17-02-2025

Digitalização e visualização imersiva de arquivos no Iscte

Daniel Dias

DAViD Lab é um projecto do instituto, que vai assinar hoje um protocolo para digitalizar acervo histórico ferroviário do IMT

Está a ser anunciado como o “primeiro laboratório de digitalização e visualização imersiva de arquivos históricos nacionais”. O Laboratório de Digitalização e Visualização Avançada de Dados, ou DAViD Lab, é uma iniciativa, divulgada ontem, do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, que assinará com o Instituto da Mobilidade e dos Transportes (IMT) um protocolo que prevê a digitalização do acervo histórico ferroviário do IMT. O Iscte espera também, num futuro próximo, assinar protocolos com o Ministério da Defesa Nacional, a Câmara Municipal de Lisboa e o arquivo Ephemera, do historiador José Pacheco Pereira.

A lista de documentos do IMT que o Iscte irá digitalizar inclui, por exemplo, um relatório do estado das linhas férreas em 1907, medições (datadas de 1892) da linha de Cascais, uma planta de 1899 da estação de Viseu, encerrada quase cem anos depois, ou até desenhos, anteriores a 1910, indicativos de como deveriam ser fabricados os chapéus dos trabalhadores da repartição de caminhos-de-ferro, com medições precisas.

“Queremos contribuir para a preservação do nosso património, da nossa história”, sintetiza Jorge Costa, vice-reitor do Iscte. Ao telefone com o PÚBLICO, o académico explica que, quando o projecto arrancar (possivelmente no final do próximo ano), será possível consultar o material de arquivo que a instituição pretende reunir e disponibilizar tanto através da Internet como “nas infraestruturas do laboratório”, onde o Iscte pretende promover uma “expe-

riência imersiva”, “combinando” a experiência visual “com cheiros e eventualmente outros sentidos”.

“Imagine a diferença entre os museus tradicionais e aqueles mais modernos, onde a pessoa tem a sensação de que está dentro daquilo que está a ver”, sugere o académico.

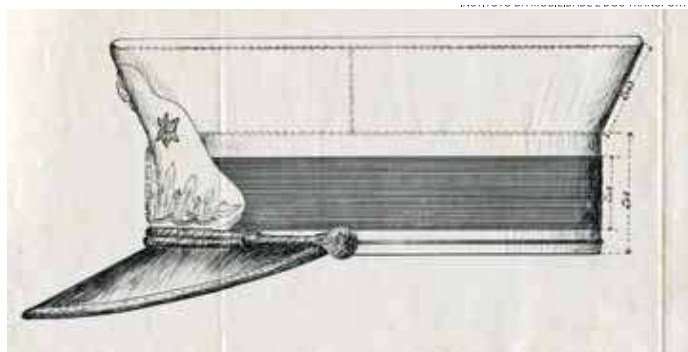
O Iscte submeteu uma candidatura ao programa europeu Portugal 2030, esperando receber cerca de 1,7 milhões de euros.

O equipamento de visualização, entre grandes ecrãs, mesas tácteis e óculos de realidade virtual e aumentada, por exemplo, custa mais de 500 mil euros, estima Jorge Costa, dizendo que esta será, pelo menos em princípio, “a parte mais cara” do projecto.

Também será preciso “fazer obras no Iscte, preparar as salas imersivas”. Antes disso, é necessário adquirir o equipamento de digitalização – algo que a instituição de ensino superior gostaria de fazer “até final do Verão”.

O Iscte tanto quer digitalizar, por exemplo, “fachadas e interiores de edifícios históricos”, para depois exibir tridimensionalmente no DAViD Lab, como um manancial de documentos manuscritos. Sobre estes últimos, o vice-reitor diz que a ideia é, “com inteligência artificial, fazer o reconhecimento da caligrafia”, de modo a “passar tudo para texto escrito”, em computador. “Caso contrário, é apenas a imagem – e fica mais difícil encontrar o que se deseja na pesquisa”, assinala.

Jorge Costa soma aos processos da digitalização e da visualização dos arquivos um terceiro que destaca: o do processamento dos dados. “Os arquivos, neste momento, são unidades estanques entre si: conseguimos consultá-los individualmente, mas depois não há cruzamento de informação. A nossa ideia é permitir uma pesquisa cruzada entre vários arquivos”, explica.



Desenho dos chapéus dos trabalhadores dos caminhos-de-ferro